



Introdução

Libertação nacional, renascimento nacional, restituição da nação ao povo, Commonwealth, sejam quais forem as cifras utilizadas ou as fórmulas novas introduzidas, a descolonização é sempre um fenómeno violento.

Frantz Fanon, *Os Condenados da Terra*, Letra Livre, 2015, p. 39.

As palavras iniciais do Livro de Frantz Fanon, *Os Condenados da Terra*, escrito entre Abril e Junho de 1961, muito antes dos processos de independência nos países africanos estarem finalizados, convocam para a questão da violência e para as diferentes maneiras como são da ordem da violência os processos de colonização e os momentos de ruptura e desarticulação das sociedades em momentos de mudança e revolução. Procurámos com este projecto regressar aos textos movidos pela exigência e uma nova atenção ao texto para acompanhar formas de dizer a violência nas diferentes formas literárias surgidas nos países africanos onde se fala e escreve a língua portuguesa.

A leitura permitiu a escolha de um *corpus* e a elaboração de um conjunto de perguntas a que os textos responderam alargando ou estreitando as abordagens e a teoria. Trajectória conceptual e escolha de autores abriram caminho para o seu enquadramento num roteiro que facilitou a definição de diferentes problemas e da demanda de sentido carregados de forma expressa ou mais escondida nas obras consultadas. A intricada rede de situações humanas descritas pelos autores e autoras ao longo de um complexo e problemático tempo cronológico marcado pela dominação e resistência. Assistimos à construção identitária do “outro” e ao seu silenciamento (Spivak) em contexto de violência colonial e ao exercício extremo do poder nas suas manifestações mais cruéis que as condições do trabalho forçado e compulsivo agravam. A literatura segue (em alguns sítios antecipa) a luta armada de libertação nacional (registos de violência-resposta às impossibilidades do diálogo e da estratégia de negociação. O lugar do autor, a sua voz constrói-se mesmo quando dá lugar às falas que possibilitam ao leitor ouvir os velhos silenciamentos.

Fizemos o levantamento de um conjunto de técnicas que ajustaram a produção do discurso e nos informam sobre os “saberes sujeitados” na revelação do contexto da luta. A memória



que se forma é quase contemporânea do teatro de operações nas suas diferentes formas de representação. Novas visões do mundo, como a “dos condenados da terra”, foram surgindo à medida que o poema, o conto ou o romance denuncia e clarifica.

A proclamação das independências nacionais (1973 para a Guiné; 1975 para todas as outras então colónias portuguesas) não foi capaz de eliminar problemas estruturais e implantar a liberdade enunciada em todos os manifestos de emancipação. Procurámos surpreender em cada texto os momentos de captura de novas noções de violência. Obras escritas em momentos em que o regime da palavra ainda é prevalecente num território ambíguo entre as marcas da oralidade e a literatura escrita desocultaram o dito e muitas vezes o não dito. As situações de violência perpetuaram-se em regimes onde o lugar das mulheres ainda não foi encontrado e os paraísos do pão e do mel não se alargaram a todas as crianças.

Os dias e as noites não se resolveram nos textos mas a pesquisa indicou os caminhos que permitiram contornar a resistência à teoria e formular algumas questões num esforço de aproximação ao universo complexo do texto.

A ideia deste dossiê nasce da experiência de uma conferência que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa a 30 de Setembro de 2020, com o título *On Violence: representações da violência nas literaturas africanas de língua portuguesa*. A conferência marcou a recta final do percurso do homónimo projecto de investigação, activo entre 2017 e 2020, no âmbito das actividades científicas do Grupo de Investigação 2 (Culturas e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa), coordenado pela Professora Ana Paula Ribeiro Tavares, do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias), da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O projecto *On Violence* teve origem em 2014, no seio do grupo de investigação dedicado às Literaturas e Culturas Africanas do CLEPUL, com alguns dos seus membros a reunirem alguns contributos sobre essa temática, nomeadamente a professora Fátima Mendonça, Ana Paula Tavares, Glória de Brito e Carla Ferreira. Em 2017, o projecto ganhou novo fôlego com a possibilidade de uma bolsa de investigação dedicada às suas pesquisas e trabalhos. Assim, a partir de Junho de 2017, iniciaram-se algumas actividades que começaram a dar forma às ideias originais. Um dos primeiros passos e a estrutura principal do projecto foi a construção de uma base de dados com excertos de obras de literatura africana de língua portuguesa que exprimissem algum tipo de violência. O propósito desta base é oferecer aos investigadores que se interessem pela temática um *corpus* bastante rico onde podem encontrar diferentes tipos de violência, como, por exemplo, violência militar, violência de género, violência doméstica ou violência infantil. Este levantamento está, para já, sediado num blog exclusivamente criado para o efeito: [On violence | Projecto \(onviolenceprojecto.blogspot.com\)](http://onviolenceprojecto.blogspot.com). Além da base como registo, tivemos oportunidade de organizar um workshop com alunos e investigadores da Faculdade de Letras

da Universidade de Lisboa em Dezembro de 2017, e de participar em algumas conferências nacionais e internacionais para divulgar a nossa investigação. Como conferência final, ocorreu a Jornada *On Violence: Representações da Violência nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, em Setembro de 2020, de onde resultam os contributos científicos deste dossiê.

Salvaguardando a ordem e a conceptualização do programa da conferência, apresentamos as contribuições dos intervenientes na mesma ordem: o dossiê começa com o texto de Marco Bucaioni, com uma leitura de *Vou lá Visitar Pastores*, do angolano Ruy Duarte de Carvalho, à luz do discurso decolonial de Walter D. Mignolo e Catherine Walsh. A reflexão sobre violência e resistência epistémica de que foram e são objecto e sujeitos os *kuvale* no Sudoeste angolano motiva paralelismos entre esta particular situação e o discurso teórico decolonial.

O texto ensaístico de Ana Margarida Fonseca “Escrever a identidade nas entrelinhas da violência – conflitos e reencontros” une pontos fulcrais no pensamento sobre a violência. A partir de alguns princípios teóricos estabelecidos por Amartya Sen, a autora analisa obras de José Eduardo Agualusa e de João Paulo Borges Coelho. Problematizando assim a relação intrínseca que existe entre identidade e violência, nomeadamente no contexto pós-colonial e pós conflito armado de Angola e Moçambique. A imposição de uma identidade única, hierárquica e politicamente superior às outras desequilibrou a afirmação cultural da diversidade própria desse e da maioria dos países africanos, retrato que a literatura regista e que provoca uma determinada interpretação que a autora analisa e comenta.

A contribuição de Maria da Graça Gomes de Pina caminha na direção de uma análise crítica dos poemas contidos no livro *Cela 1*, de autoria do poeta moçambicano José Craveirinha. A violência inerente e subjacente à escrita deste género de poesia, tendendo à subversão da ordem colonial é agudamente tratada à luz da teoria e da precedente literatura crítica sobre o autor.

Sandra Sousa, no seu artigo “Violências Silenciadas no Feminino: uma leitura de *Essa Dama Bate Bué!* de Yara Monteiro”, faz uma leitura do romance de estreia da autora de origem angolana, concentrando a sua atenção na violência familiar do núcleo narrativo, mas depois abrindo para questões mais amplas como a guerra colonial, o pós-colonialismo, os afrodescendentes e a sua visão política, mesmo (e sobretudo) partindo de uma perspectiva pessoal das personagens. A investigadora não se intimida pela extrema contemporaneidade da obra de Yara Monteiro, conseguindo situar a sua análise teórica e narrativa de forma a compreendermos melhor esta obra e o trilho que ela abre na nova literatura afrodescendente portuguesa.

O trabalho de Liz Almeida incide sobre outro nome de primeira linha da nova geração afrodescendente portuguesa: Djaimilia Pereira de Almeida. A análise contextual do seu texto *Luanda, Lisboa, Paraíso* à luz de um aparato teórico sólido acaba por levar o leitor à dimensão e à violência sofrida pela comunidade afrodescendente em Portugal (e um pouco por toda a Europa).

Jéssica da Silva Höring leva ao dossiê uma obra que, não sendo recente, é das menos estudadas no campo dos Estudos sobre Literaturas Africanas: o romance *Patriots*, de Sousa Jamba. O sentido do artigo prende-se com a violência como prática e como pedagogia na iniciação e no treino de guerrilheiros e militares da UNITA na Jamba, com interessantes anotações sobre o papel relativo do MPLA e da UNITA na construção cultural e literária da Angola contemporânea.

Gabriel Ambrósio e Andre Rezende Benatti são co-autores do ensaio “Libertação e violência: a desumanização do homem pelo próprio homem em *A Geração da Utopia*, de Pepetela”, onde estudam o processo violento de construção da nação angolana durante o período da guerra de libertação, representado no romance, bem como os questionamentos sobre o que a nação se tornou após a independência. A memória dos guerrilheiros no contexto pós-independência é de extrema importância para o futuro das ex-colônias e para a forma como olhamos e interpretamos o passado. Os autores propõem portanto uma reflexão em torno da violência da guerra, dos agentes de guerrilha, da falta de limites que o ambiente bélico impõe e as diferentes e muitas vezes imprevisíveis ações neste ambiente, usando como enquadramento teórico pensadores como Hannah Arendt, Franz Fanon, Walter Mignolo ou Xavier Crittetz.

A contribuição de Pedro Réquio incide sobre um autor angolano bastante recuado no tempo, por sua vez muito estudado e até muito traduzido para o estrangeiro, mas hoje em dia talvez um pouco esquecido pelos leitores e também pelos académicos: Castro Soromenho. A sua obra é aqui esmiuçada contra o papel de fundo da violência sistémica da Angola colonial, com um aparato teórico rico.

O dossiê, pelo que diz respeito às contribuições científicas, fecha-se com dois trabalhos sobre a moçambicana Paulina Chiziane, que continua a receber uma grande atenção por parte da crítica académica.

Raquel Hilário Pedro, jovem estudante de estudos comparatistas, orienta-nos através da sua leitura de *Niketche* (2002), de Paulina Chiziane, que se foca na representação de manifestações da violência de género no livro. No seu artigo intitulado “Da vergonha à revolução: violência e resistência em *Niketche*”, salienta as seguintes manifestações dessa violência: a imposição social da maternidade, a interiorização da rivalidade feminina, a culpabilização da mulher pela sua condição e a perpetuação do sentimento de vergonha. Comparando o texto de Chiziane com outras pensadoras feministas, como é o caso de Chimamanda Adichie, a autora observa como são as personagens mulheres com atitudes feministas que trilham um caminho de desconstrução da vergonha e construção da resistência e da revolução.

Quando se fala em retratos da violência nas literaturas africanas de língua portuguesa, Paulina Chiziane é um dos primeiros nomes que surge na memória. Maria do Carmo Mendes, com o ensaio “Dentro de nós floresceram os prados: representações da violência em Paulina Chiziane”, foca-se no romance *Balada de Amor ao Vento* (1990), a partir do qual tenta

traçar e estudar os percursos e papéis femininos na sociedade moçambicana relatados pela romancista, sublinhando a importância de Chiziane como porta-voz da condição das mulheres em Moçambique e em África em geral.

Por fim, o número fecha-se com a transcrição da conversa que teve lugar no fim da Jornada *On Violence* com a escritora portuguesa afrodescendente Yara Monteiro, com anotações sobre o seu primeiro romance (*Essa Dama Bate Bué!*) e sobre questões que se prendem com a relação que um afrodescendente tem com Europa e África, a(s) sua(s) identidade(s) e a escrita literária.

Uma palavra de agradecimento à contribuição de Maria Manuel Marques Rodrigues, leitora atenta das obras do *corpus* e autora de algumas sugestões de trabalho.

Organizadores do Dossiê

Ana Paula Tavares

Marco Bucaioni

Rosa Maria Fina